



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8668527>

Entrevista

A construção do campo da antropologia e os estudos sociais sobre o esporte na América Latina: entrevista com Roberto DaMatta

The construction of the area of anthropology and social studies on sport in Latin America: interview with Roberto DaMatta

La construcción del campo de la antropología y los estudios sociales del deporte en América Latina: entrevista a Roberto DaMatta

Antônio Jorge Gonçalves Soares¹ 

Alejo Levoratti² 

RESUMO

Esta entrevista com o antropólogo e historiador Roberto DaMatta, um dos grandes precursores de uma antropologia dedicada ao estudo dos esportes e, particularmente, do futebol na América Latina, evidencia a construção de um campo interdisciplinar que ganhou relevância nos últimos 40 anos, a partir da publicação do livro *O Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. O entrevistado é doutor em Antropologia pelo Peabody Museum da Universidade de Harvard, e graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. Foi chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio de diversas práticas, inclusive a partir do esporte.

Palavras-chave: Antropologia. Esportes. América Latina. Entrevista.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

² Universidad Nacional De Plata, Buenos Aires, Argentina.

Correspondência:

Antônio Jorge Gonçalves Soares. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Avenida Paster, 250, fundos, Urca, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22290-240. Email: ajgsoares@gmail.com



ABSTRACT

We interview the anthropologist and historian Roberto DaMatta, one of the great precursors of anthropology of sport and, particularly, football studies in Latin America. He highlights the construction of an interdisciplinary field that has gained relevance in the last 40 years, with the first publication of the book *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, in 1982. The researcher holds a Ph.D. in Anthropology from the Peabody Museum at Harvard University and a degree in History from the Fluminense Federal University. He was head of the Anthropology Department at the National Museum and is a Full Professor at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. He was a pioneer in the studies of rituals and festivals in industrial societies, having investigated Brazil as a society and cultural system through various practices, including sports.

Keywords: Anthropology. Sports. Latin America. Interview.

RESUMEN

Esta entrevista al antropólogo e historiador Roberto DaMatta, uno de los grandes precursores de una antropología dedicada al estudio del deporte y, en particular, del fútbol en América Latina, destaca la construcción de un campo interdisciplinario que ha cobrado relevancia en los últimos 40 años, desde la ocasión de la publicación del libro *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. El entrevistado es Doctor en Antropología por el Museo Peabody de la Universidad de Harvard y Licenciado en Historia por la Universidad Federal Fluminense. Fue jefe del Departamento de Antropología del Museo Nacional y es Profesor Titular de la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro. Fue pionero en los estudios de rituales y festivales en las sociedades industriales, habiendo investigado el Brasil como sociedad y sistema cultural a través de diversas prácticas, incluyendo el deporte.

Palabras Clave: Antropología. Deportes. Latinoamérica. Entrevista

ENTREVISTA

A entrevista com o Prof. Roberto DaMatta ocorreu em 19 de novembro de 2021, quando as perguntas foram enviadas por escrito e respondidas pelo pesquisador que, posteriormente, aprovou esta versão final. Agradecemos ao Prof. DaMatta pela disponibilidade e gentileza em colaborar com esta publicação.

AUTORES: Prof. DaMatta, seu trabalho sobre *A estrutura social dos Apinayé*, orientada por David Maybury-Lewis, que resultou na sua tese de doutorado em Harvard em 1971, é um dos importantes trabalhos da antropologia indígena brasileira. Comente sua experiência de formação até virar doutor em Harvard. Em outras palavras, conta um pouco de sua formação, de historiador a antropólogo e dos autores que mais o influenciaram na sua prestigiada antropologia que você produziu sobre a sociedade brasileira.

PROF. ROBERTO DAMATTA: O trabalho foi importante para mim e, certamente, para os meus dois examinadores de Harvard e o examinador externo de Oxford, mas o livro não foi bem recebido, nem no Brasil, nem no exterior, onde foi alvo de apreciações negativas: era muito rígido, demasiado focado e resumido; era, enfim, um livro que não cumpria expectativas e mostrava as limitações do “estruturalismo”. Faz tempo que eu não o leio. E se o fizer, provavelmente vou concordar com os meus críticos porque ele foi projetado para ser o primeiro — era uma tese de PhD — e, na minha cabeça seria seguido de outros trabalhos focando outros aspectos da sociedade Apinayé. Um deles era o estudo detalhado do parentesco e sistema de relações com o uso de fotografias: eu mostrava uma foto de um indivíduo para um outro e queria saber com precisão se ele era chamado por um termo de parentesco ou pelo nome. Outro estudo seria abordar os mitos e sua “ordem de aparecimento” — o primeiro era o do fogo e o último o da origem dos brancos. Eu voltei aos Apinayé, acho que em 1971 com minha família. Foi um momento muito feliz do meu trabalho e da minha vida. Mas fui atropelado pela ânsia de compreender melhor o carnaval, o futebol, a comida, o estilo brasileiro de vida e isso me desviou do projeto original. Mas, como nada neste mundo tem só um lado, isso me obrigou a uma pausa. Creio que, num plano mais profundo, eu optei pelo estudo do carnaval como um rito de passagem de calendário (veja o meu primeiro livro *Ensaios de Antropologia Estrutural*). Ali tem carnaval, tem Edgar Allan Poe e tem panema (a má-sorte da Amazônia). O ritmo da minha vida intelectual revela a minha imensa curiosidade e busca intelectual que me fazem viver. Só precisava ganhar dinheiro, mas isso jamais foi o meu objetivo...

Então, o que ficou mesmo nesta experiência de Harvard foi um melhor conhecimento dos assuntos que mais me interessavam ao lado da perda de virgindade que eu ainda vejo claramente no paroquialismo das Humanidades no Brasil. Vale finalizar acentuando de uma formação cosmopolita e histórica da Antropologia que foi ficando também cultural antes de ser biológica, histórica, eugenista e evolucionista.

AUTORES: Sua experiência como estudante em Harvard e a vida que levou na sociedade norte-americana, liberal e democrática e de cultura anglo-saxã protestante nos Estados Unidos, sempre aparece nas suas reflexões sobre a hierarquização presente na sociedade brasileira. Por exemplo, quando analisa “o sabe com quem está falando” ou as tensões da apropriação do futebol no Brasil, esporte que permite a expressão do mérito numa sociedade que tem “alergia a igualdade”. A cultura anglo-saxã está presente como um “outro” privilegiado. Mas, além das análises que você pode nos fornecer sobre esse tipo de reflexão, gostaria de saber se sua formação teórica em Harvard e o trabalho de campo com os Apinayé, a cosmologia desse povo indígena, influenciaram suas leituras posteriores para pensar os significados do carnaval, do futebol, do trânsito, da casa e da rua e da nossa tendência à hierarquização na sociedade brasileira?

PROF. ROBERTO DAMATTA: Tenho imaginado que três filtros orientaram minha vida intelectual. A visão amazonense dos meus pais, o estranhamento de nossa família em Juiz de Fora e São João Nepomuceno, Minas Gerais; tem a vivência em bloco com a família extensa dos meus avós e tios maternos e paternos em Niterói, com a Praia das Flechas a metros de nossa casa. Em suma, é uma experiência cultural com a cultura brasileira muito extensa: de Manaus, passando por Salvador, Maceió, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Niterói, São João Nepomuceno, mais ou menos nessa ordem e, em cada local, eu aprendia alguma novidade. Sempre fui assediado como “aluno novo” (menino sem turma), mas era novidade para as “garotas” e assim, fui bom dançarino, andei de bicicleta, joguei futebol e basquetebol; apaixonei-me de morte aprendendo inglês graças as músicas cantadas por Doris Day, Billy Eckstein, Frank Sinatra e Nat King Cole...Aprendi mais com eles (e com as minhas paixonites) do que no Instituto Brasil-Estados Unidos...

O segundo filtro foi a experiência do Museu Nacional com Roberto Cardoso de Oliveira de quem fui estagiário em 1959 e que se sistematizou num aprendizado e dívida intelectual e pessoal permanente como aluno do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Social nos anos 60. Foi quando conheci o Roque (Laraia), o Melatti e a Alcida Ramos, três grandes colegas e profissionais impecáveis. Tudo isso foi para o forno de Harvard em 1963-64 e, posteriormente, de 1967 até 1970. E, depois como professor visitante em Madison, Wisconsin; em Berkeley, Califórnia; e como professor pleno numa cadeira especial em Notre Dame, Indiana. Não vou falar da vivência em Cambridge, no Kings College, nem de Oslo, onde o Eduardo Archetti me convidou para dar conferências. Mas, reitero, o impacto do estilo Harvardiano foi muito grande precisamente porque eu não sabia da importância da universidade no conjunto social americano e do seu imenso prestígio; das suas expectativas sobre seus alunos... Eu achei que o estilo de Harvard, segundo o qual os seus alunos tinham que conhecer certos livros e ter uma enorme curiosidade intelectual, ao lado de grande autonomia, era algo rotineiro. Ademais, indo com mulher e filho, vi como era ser marido e pai na cultura americana. Na minha vida como cidadão, fui impactado pela

igualdade — tal como ocorreu com Tocqueville — como um valor americano. Pela competitividade como um estilo, pela ausência do favor e do filhotismo. Lá eu aprendi não apenas a ler e apresentar as ideias dos autores, mas a dizer o que eu pensava sobre elas. Minha opinião contava, coisa que no Brasil ainda está faltando, exceto no rigor dos nossos faccionalismos onde você se junta a uma corrente que esconde em parte ou no todo que você fala.

Para resumir. Um filtro era o Brasil que vivi e que está dentro de mim. O outro foi a cultura americana vista basicamente pela sua manifestação acadêmica. E, finalmente, havia o sistema Jê-Timbira dos Apinayé e tudo o que o pensamento de Lévi-Strauss me mostrou e surpreendeu quando me ajudou a interpretá-lo. Mas, foi em Harvard que eu li os clássicos e tive encontros espirituais densos com Marx, Engels, Tylor, Robertson Smith, Henry Maine, Freud, Parsons, Durkheim, Edmund Wilson, Victor Turner, Rodney Needham, Robert Lowie, Weber, Morgan, Mauss, Hertz e os grandes antropólogos americanos e ingleses. Aprendi a estudar e a ler. Aprendi a tentar esgotar o assunto em foco. Aprendi a ser um acadêmico profissional.

AUTORES: Como foi eleger o futebol e o carnaval como objetos de estudo em pleno momento de ascensão das leituras marxistas no Brasil do final dos anos 70 e início do 80?

PROF. ROBERTO DAMATTA: O interesse e a motivação vieram por meio da obra de Victor Turner (ritos em geral, e liminaridade, inversão do mundo, passagens, ambiguidade) através de um curso com Thomas Beidelman. O estudo do livro de VanGennep, e dos artigos de Leach e Mary Douglas foram básicos. Eu ajudei a difundir-los por meio de traduções. Eu tive uma experiência de ver, como uns poucos viram (Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo...), o Brasil de fora para dentro. É como tomar uma nave espacial e, vale notar, dos nossos pensadores clássicos, poucos tiveram essa visão. Visão que permite discernir caminhos, escolhas, contrastes e a compreender que o passado não se apaga como um fósforo.

A eleição do carnaval como objeto de trabalho veio do piano de minha mãe e do seu entusiasmo pela vida, pela música e por Lamartine Babo (que foi quem inventou o Brasil...) como compositor. Em seguida, pela experiência pessoal com o carnaval que é obrigatória, experiência que vivi criança em Maceió quando mamãe nos fantasiou de Pierrô... Depois vieram os bailes de minha adolescência reprimida em Juiz de Fora, em Nepomuceno, em Niterói e no Rio, onde fui a pelo menos um baile orgástico chamado "Mamãe eu vou às compras"... Ora, quando Turner fala do liminar nas sociedades tribais, eu me perguntei sobre o liminar no Brasil (uma sociedade nacional) e ali estava, na minha frente, um rito desafiador de moralidades e dos moralismos católicos hegemônicos; um drama social nacional que permitia dar um jeitinho nas nossas vidas cheias de fantasias, de todo tipo, não realizadas. Esse lado do Carnaval como um ritual de reversão,

conforme sugiro no meu trabalho ainda está para ser realizado. Qual o elo entre inversão e revolução? O que significa o poder “fazer tudo” no Carnaval? E o que queremos quando falamos em revolução?

Pobres fantasiados como deuses e políticos no papel de meros expectadores daquilo que eles têm como ridículo é um tema básico. Como é que os nossos cientistas sociais — salvo o Gilberto Freyre de *Sobrados e Mocambos* — deixaram isso passar em branco? Qual é o elo entre populismo e carnaval e o jogo do bicho que estudei com Elena Soaréz num livro não lido ou comentado?

O Carnaval suspende hierarquias e engendra igualdades fugazes, demarcadas e ritualizadas. Tem um claro elo com a escravidão e com o estilo brasileiro de escravizar; e hoje com a enorme e vergonhosa desigualdade nacional. Nisso de mostrar como a impessoalidade democrática era inibida pela pessoalidade da casa e da família. Só sociedades estáticas e reiterativas como o Brasil, tem esses rituais que pensam colocar tudo em ordem.

Daí para o futebol que descobri em São João Nepomuceno, terra do Heleno de Freitas, cuja sobrinha eu namorei, e o vi cheirando lança-perfume no Clube Democráticos, e das paixões dos jogos entre o Mangueira e o Botafogo (vejam o meu livro *A bola corre mais que os homens*), foi um passo. O futebol se inseria em um outro plano muito mais complicado para as nossas teorias importadas e mal digeridas porque ele vinha de um país modelar, branco e adiantado: a Inglaterra. Era um ritual diferente, complicado: tinha hora para começar e terminar, não tinha nenhum elo sobrenatural ou religioso, era inteiramente cívico e secular, mas tinha congraçamento e disputa controlada (coisa desconhecida no Brasil) e hinos e fantasias: uniformes e emblemas. Estava na área que o Brasil tradicional das missas, casamento e procissões solenes e banquetes para autoridades nas casas dos ricos, não conhecia: era um esporte e por isso causou a polêmica de como classificá-lo num sistema sem “hobbies” no qual ficar parado era o costume.

No Brasil o futebol virou um desalinizador social, permitindo reconhecer o mérito de negros e pobres. Revelando sem nenhuma vergonha ou jeitinho quem tinha talento e quem não tinha, permitindo aos derrotados do sistema viver a experiência da vitória e da excelência; e aos filhos (“fracos ou inferiores em geral”), a experiência da igualdade desafiadora e adorável de poder “ser” de um time oposto ao de seu pai (ou de um superior) e como “torcedor” discutir ou estabelecer relações jocosas ou de anedota em condições de igualdade. Eis o que tentei mostrar. Um caso no qual o colonizado supera o colonizador e o aluno o mestre. Essa é uma das maiores surpresas do futebol neste país que não acredita em si mesmo. Aliás, com razão...Exceto nas Copas e na transformação do futebol num esporte menos branco e colonizador. Num sentido preciso, nós roubamos o futebol dos ingleses brancos e o abrasilizamos, pois, na minha opinião, os

“pernas de pau” só começaram a vencer o Brasil quando o nosso estio de jogar globalizou-se.

AUTORES: Você se tornou uma referência central na antropologia, além disso um intelectual público presente com frequência, com artigos em grandes jornais e programas televisivos. Conta como você avalia seu legado como pesquisador e intelectual para as novas gerações que estudarão a sociedade brasileira de seu tempo.

PROF. ROBERTO DAMATTA: Estou vivo e na luta. Meu legado é o da curiosidade honesta, a serviço da compreensão de nós mesmos. Jamais fiz outra coisa do que tentar entender o mundo e entender a mim mesmo neste mundo. O legado são os livros que muitos não compreenderam, outros tomaram como reacionários, mas que revelam como eu os assustei quando mostrei como somos aristocráticos e antirrepublicanos sem saber...

AUTORES: Se partirmos da premissa de que os estudos antropológicos e sociológicos sobre o esporte começaram a se desenvolver nas décadas de 1970-1980, e foram institucionalizados anos depois na América Latina, nesse ínterim, diversos intelectuais, inclusive você, propuseram reflexões sobre o esporte e participaram de encontros ao redor do mundo. Então, perguntamos, na sua opinião, por que foi dada tanta atenção ao esporte? O que chamou a atenção do fenômeno esportivo entre os acadêmicos? Como surgiu este interesse? Quem o promoveu?

PROF. ROBERTO DAMATTA: O esporte é um ritual, mas como um disco ou um filme, ele permite medidas. Ele tem uma métrica econômica (moderna) que os “entendidos de futebol” vivem discutindo. O esporte é um ritual da disciplina, é um rito fundado na transparência sem cânones obscuros, exige uma técnica de corpo apurada e especializada (jogar ao contrário: com os pés e não com as mãos, há nele um elemento neutro e misterioso, pouco ou jamais analisado, a bola que não pertence a nenhum jogador, mas que aumenta o nível de improvisação e de acidente – o imprevisto que é, paradoxalmente, programado num jogo de futebol, mas jamais, por exemplo, numa festa de aniversário, numa missa, num funeral ou num carnaval. Há outra coisa inédita: o “fair-play”: a solidariedade obrigatória entre vencedores e vencidos que não se anulam ou englobam como nas hierarquias tradicionais que produziam duelos e inimigos mortais, mas disputantes que prometem continuar no jogo perpetuamente, pois é o perdedor que consagra o vencedor numa dialética absolutamente igualitária, sem o adversário não há jogo, não ocorre o ritual. Nada é mais estranho do que isso em sistemas nos quais os aristocratas nasciam vencendo e o sistema era estático e permanente. Trata-se de um mecanismo de disciplina de massas, inventado nas fábricas e colégios ingleses: o povo que chega na hora. Ademais, o futebol é escrito, anotado, filmado, tem história, ao passo que outros encontros humanos só dispõem de arqueologia.

Penso que o interesse pelo futebol surgiu no Brasil porque nele e com ele, fomos vencedores. As vitórias do Brasil surpreendiam: como é que um povo de mulatos e mestiços (uma sub-raça, ouvi uma vez de um tio), destinados à extinção, como previra Gobineau, podia ser campeão do mundo tantas vezes? A contabilidade positiva até hoje, rara em outras esferas da vida nacional, veio com a excelência futebolística. Uma atividade de massa universalista, global, internacional, estrangeira. Como entender essa afinidade foi um problema e penso que ela explica o constante interesse no tema — sobretudo a partir de 1950, quando fomos vice-campeões mundiais no maior estádio do mundo. Para um país como o Brasil, mal desligado do seu ente colonial, mal ajustado a um estilo igualitário, o futebol dizia que regras podiam ser seguidas, que a experiência da igualdade era básica e que podíamos vencer. Foi certamente uma contabilidade positiva que nos levou ao estudo do futebol.

O esporte assusta porque ele é um ser social da difusão, do encontro de culturas. Ele mostra que tais encontros podem ser de iguais. No futebol e no esporte em geral, desafia-se a dominação absoluta, o totalitarismo. Há conquistas e colonialismo, mas há também encontros nos quais o colonizado rouba o colonizador: caso dos automóveis e gravadores no Japão, na Coreia, e no Brasil o futebol. Nossa capacidade de mudar é travada por um elitismo aristocrático tão poderoso quanto inconsciente.

AUTORES: Sobre a construção do livro e sua socialização inicial, perguntamos como foi sua gênese? Quais foram os eixos de problemas comuns que foram corrigidos?

PROF. ROBERTO DAMATTA: O livro nasceu como toda a minha obra, por dentro da minha vida. Se você pegar o meu *A bola corre mais que os homens* verá como o futebol foi parte integrante da minha socialização — eu sou de 1936 — tinha nove anos de idade quando acabou a 2ª. Guerra Mundial. Todo mundo jogava futebol no ginásio e eu também joguei e muito mal. Depois veio o problema dos imprevistos do futebol (como foi que perdemos uma Copa do Mundo, a primeira depois da guerra com aquele time que era invencível); imprevistos que eu relacionei aos da minha própria vida. Na minha criação, a morte de tios, de maridos e mulheres, era parte da vida. Eles vieram de Manaus para Niterói e Rio. Era o meu caso. Fui criado estranhando o mundo. E o futebol é um estranhamento no Brasil. No Museu Nacional, eu tentei converter alunos a estudarem o Brasil pelos “seus cotidianos”. Daí nasceu a ideia e eu fiz um ensaio sobre o futebol. Uma galeria de arte de Botafogo (Rio), cujo dono era o Max Perlingeiro, me ofereceu uma curadoria de uma exposição temática sobre futebol. Carlos Roberto Maciel Levy entrou em contato comigo e eu escrevi um texto sobre o assunto. Surgiu a ideia do livro *Universo do Futebol*, similar a um outro chamado *Universo do Carnaval* com fotografias de João Poppe e um texto de minha autoria. Tivemos dificuldade em encontrar pinturas sobre futebol, o que mostrava como o cotidiano é pouco analisado ou “enxergado”. Mas, fizemos a exposição e foi um livro que

eu tive dificuldade em reunir autores; exceto pela Simone Guedes que já tinha escolhido o futebol como tema de seu trabalho neste campo, uma contribuição inestimável. Mas, por um momento, eu tinha o livro, tinha um prefácio, mas não tinha colaboradores. Um deles, soube depois, foi proibido de colaborar, mas mesmo assim o livro foi feito; e, claro, teve pouco espaço porque quem "entendia de futebol" eram os jornalistas e não um jovem antropólogo de cavanhaque negro que morava em Niterói...

AUTORES: Levando em conta que os grupos de trabalho sobre esporte na Reunião Brasileira de Antropologia, na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais ou na Reunião de Antropologia do Mercosul, são do início dos anos 2000, quase 20 anos após a publicação do livro, embora nesse contexto tenha tido um papel de destaque. Perguntamos como essa produção foi recebida nos anos 80 pela comunidade de antropólogos e pelas ciências sociais em geral. Especificamente, como foi considerado o fato de estudar o esporte a partir da antropologia nessas latitudes?

PROF. ROBERTO DAMATTA: Não foi recebido. Mas, até hoje o meu trabalho em geral sobre futebol é um trabalho reconhecido e eu fico muito feliz por isso.

AUTORES: Ainda em relação a isto, entendemos que os estudos sobre o esporte foram desenvolvidos em profundo diálogo com outros subcampos disciplinares, pois as principais discussões foram sobre: o ritual, os processos de construção de identidades nacionais, a dádiva, as moralidades, gênero entre outros. Desse modo, perguntamos como você acha que deveria se dar o diálogo entre essas discussões conceituais e o "campo" dos estudos do esporte?

PROF. ROBERTO DAMATTA: Penso que a contribuição sócio antropológica geral e jornalística, como a de Mario Filho, foi muito importante. A visada antropológica consistiu e relacionou o futebol com os temas que você menciona o que, para muitos era uma heresia. Mas, os estudos sobre o esporte ainda precisam ser ampliados e os do futebol fizeram muitas dessas ligações.

AUTORES: Por fim, lendo e relendo retrospectivamente o livro, depois de 40 anos, que interpretações você entende que foram feitas sobre ele? Que posições conceituais você considera que poderiam ser revisadas, atualizadas ou discutidas? Que pontos do livro você acha que permaneceram válidos e devem ser levados em consideração nas pesquisas atuais sobre esporte?

PROF. ROBERTO DAMATTA: Perguntas — creio — parcialmente respondidas, mas que me levariam a outras terras um tanto inóspitas para um viajante de 85 anos. Como um jogador no campo futebolístico, um campo tão rico e cheio de ideias novas, eu me sinto jogando na prorrogação...

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Universo do Carnaval: Imagens e Reflexões*. Rio de Janeiro: Edições Pinako, 1981.

DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

Recebido em: 22 fev. 2022.

Aprovado em: 21 abr. 2022.

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

